

## A Engenharia no feminino

**A** 8 de dezembro de 1941, após o ataque japonês à base naval de Pearl Harbor, no Hawaii, Franklin Roosevelt declarou guerra ao Japão e, nesse dia, os Estados Unidos da América entraram oficialmente no conflito global. Por esta altura, os Estados Unidos passavam por uma década de grandes desenvolvimentos tecnológicos e industriais. No entanto, ficou de repente sem a sua maior força de trabalho fabril que, até àquela data, era massivamente ocupada por homens. A operação de recrutamento massivo dos homens, obrigou as mulheres a ocupar os seus lugares, naquilo que hoje se chamaria a “indústria da guerra”.

Durante este período, em muitos locais e em muitos serviços, as mulheres passaram a substituir os homens que haviam sido chamados passando, em muitos casos, a representar a maior força de trabalho em fábricas de munições e na indústria de desenvolvimento tecnológico. Nesse momento, as mulheres passaram a desempenhar (de forma absolutamente competente) uma missão crucial na produção de equipamentos militares, de apoio humanitário, mas também em centros de decisão de topo que até então tinham sido ocupados maioritariamente por homens.

A obra “Rosie the Riveter: Women Working on the Home Front in World War II”, de Penny Colman, relata a forma como as mulheres assumiram este papel de liderança na indústria da guerra, mas faz mais: analisa o impacto cultural e social que essas mulheres tiveram na sociedade americana e a forma como esse impacto se transformou numa espécie de “ondas de choque” que se vieram a repercutir para além do período em que durou a guerra. As mulheres tinham assumido e desempenhado papéis fundamentais na sociedade e na economia e, com isso, tinham criado o seu espaço, desafiando estereótipos de género e impulsionando mudanças sociais que, nalguns casos, não tinham precedentes.

Se bem que a contribuição das “Rosie the Riveter” se possa não referir, apenas e só, às mulheres formadas em engenharia, na

verdade, o exemplo que nos deram relativamente ao papel que assumiram na Segunda Guerra Mundial é demonstrativo da participação e da capacidade das mulheres para contribuir significativamente e decisivamente em áreas de intervenção tradicionalmente dominadas por homens.

A passagem histórica a que nos referimos relativamente à existência das centenas de milhares de “Rosie” destaca muito mais do que a importância do trabalho das mulheres na engenharia e na indústria. O testemunho deste registo tem que ver com a competência, dedicação, criação de valor e superação de desafios extremos a que, certamente, se teria referido Theodore Roosevelt meio século antes no seu discurso “O homem na arena”. Não era ao género que Theodore Roosevelt se referia, mas sim, à capacitação e ao crédito que obtém quem se entrega a uma causa digna e que, tal como estas “Rosie”, conhecem no final o triunfo das grandes conquistas.

Numa área tradicionalmente dominada por homens, a engenharia no feminino tem de ser assumida como muito mais do que o que possa ser a participação das mulheres numa área tradicionalmente dominada por homens, não obstante nas últimas décadas ter havido um aumento significativo da participação das mulheres.

O legado das “Rosie the Riveters” deve (e tem de) continuar a inspirar gerações e a destacar o papel das mulheres na sociedade, em geral, e na engenharia em particular. Uma mensagem para todos, que envia para o passado os estereótipos de género, construindo um futuro de igualdade. O Dia Internacional da Mulher é marcado por um movimento plural de pensamento, de ações e de iniciativas que convidam à reflexão e comemoração. Para todas as mulheres engenheiras, feliz dia 8 de março de 2024!

**Maria do Céu Rodrigues**  
Vice-Presidente da OET

**Isabel Martins**  
Vice-Presidente da OET



## Mulheres portuguesas que inspiram a Engenharia



**Maria de Lurdes Pintassilgo**

Maria de Lurdes Pintassilgo formou-se com apenas 23 anos, em engenharia químico-industrial, em 1953. Desde muito cedo, assumiu a liderança de associações e entidades ligadas a movimentos de mulheres ou estudantis. Foi a primeira (e única) mulher a desempenhar a função de primeiro-ministro em Portugal.



**Elvira Maria Correia Fortunato**

Elvira Maria Correia Fortunato é uma política, cientista, investigadora e professora catedrática portuguesa. É especialista pioneira mundial na eletrónica de papel, nomeadamente em transístores, memórias, baterias, ecrãs, antenas e células solares.